

Theodore Robert YOUNG

Santiago JUAN-NAVARRO

Sobre as Águas e Sobre as Terras: O Encontro Descoberto

As navegações europeias, e sobretudo o Encontro entre os povos da Europa e das Américas, transformaram o mundo de uma forma única na história humana. Os empreendimentos ultramarinos dos europeus constituíram um deslocamento de seres humanos e de culturas numa escala nunca vista antes ou depois. O ano 2000 marca os 500 anos da chegada oficial dos portugueses nas terras agora conhecidas pelo nome "Brasil". Portanto, comemora-se a grande aventura expansionista e mercantilista dos portugueses que resultou na criação desta nação. Ao mesmo tempo, lamenta-se a invasão de europeus em territórios dos povos indígenas, especificamente neste caso das tribos tupi-guaranis. Também questiona-se a identidade nacional que resultou deste Encontro, deste choque de culturas, semelhante às questões de identidade em todo o hemisfério. Para escritores e pensadores das culturas de base europeia nos dois lados do oceano Atlântico, o chamado descobrimento das Américas é também um ato de auto-descobrimto, evocando topos da consciência profunda europeia como o paraíso perdido, o *locus amoenus*, o eldorado.

As conseqüências deste Encontro são variadas e complexas, e incluem pessoas de todos os continentes. De fato, pode-se dizer que o

Encontro continua, especialmente nas Américas mas também no mundo inteiro, evidente no tão comentado processo de “globalização” e mais sutilmente nas misturas de raças e de culturas registradas no Brasil nas suas expressões culinárias (como o espaguete italiano de origem chinesa), sociais (como o futebol britânico mundialmente ligado ao único país tetra-campeão) e lingüísticas (como os topônimos “Iguaçu”, “Rondônia” e “Novo Hamburgo”) que, tomadas em conjunto, formam esta imprecisa noção de identidade nacional.

O período entre 1992 e 2000 deu à luz uma quantidade incontável de produção cultural, entre literatura, cinema, estudos, congressos, etc. É quase impossível calcular o volume de material bibliográfico produzido como resultado desta reflexão em massa dos 500 anos da chegada de Colombo e de Cabral nas Américas, apesar dos imensos esforços de James Axtell e David Block no primeiro caso. Não obstante este oceano de papel, um conceito percorre todos os debates da época: revisionismo. Em comparação com as comemorações acríicas anteriores, as considerações atuais questionam os clichês e estereótipos propagados sobre os eventos históricos ocorridos no mar e na terra. O próprio termo utilizado para designar o evento tem passado por uma ótica mais crítica: do “descobrimento” aplaudido (que por sua parte era o “achamento” de Caminha), ao encontro, invasão, choque, colonização, conquista, dominação, subjugação, transculturação, contaminação, extermínio, genocida, ethnocida, ecocida (Olivier 92). O papel dos povos indígenas, por exemplo, tem mudado de objeto a sujeito do debate, gerando uma mudança de perspectiva e ênfase (vide Barreiro, Grim, Bamonte e Della Marina, Gentry e Grinde). As últimas duas décadas viram o surgimento da crítica pós-colonial, dos estudos culturais,

e do Novo Historicismo, o que permite uma reconsideração do assunto desde o ponto de vista do sujeito colonizado em vez da metrópole colonizadora. Presenciamos a desmitificação das histórias e dos valores que formavam a base da visão eurocêntrica do fenômeno do Encontro.

Os ensaios aqui reunidos tratam de vários aspectos da produção literária referente ao Encontro. Formam dois grupos: os das letras lusófonas e outros das letras hispanófonas, refletindo a heterogeneidade ibero-americana. Por enfocarem a América Latina, estão tanto em português quanto em espanhol, e a temática vai do cânone literário brasileiro até ao futebol, passando pela conquista do México e as falsas crônicas caribenhas, entre outras perambulações. Esta diversidade reflete a grande produção acadêmica provocada pelos 500 anos de Colombo e de Cabral, que por sua parte foi acompanhada por uma proliferação semelhante de narrativa histórica ao nível popular. Romances, contos, poemas, e filmes sobre o Encontro invadiram o mercado cultural inter-americano. Em casos como o do Novo Romance Latino-Americano, alguns críticos têm sugerido que a narrativa histórica tomou um lugar de destaque justamente como consequência do Quinto Centenário (Menton). Escritores e cineastas nos dois lados do Atlântico estão tentando repensar a maneira de retratar o Encontro, um ímpeto refletido também nas pesquisas acadêmicas. O estilo jornalístico e a recepção popular da trilogia de Eduardo Bueno – *A Viagem do Descobrimento: A Verdadeira História da Expedição de Cabral; Naufragos, Traficantes e Degredados: As Primeiras Expedições ao Brasil;* e *Capitães do Brasil: A Saga dos Primeiros Colonizadores* – confirmam esta tendência, como também o aparecimento de edições de textos históricos como *Os Três Únicos Testemunhos do Descobrimento do Brasil,*

organizado por Paulo Roberto Pereira. É também o caso no cinema, seja a paródia *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* de Carla Camurati, seja o *nouveau-noir Terra Estrangeira* de Walter Salles Jr. e Daniela Thomas.

Os primeiros ensaios destacam o Brasil e a colonização portuguesa. Almir Aquino Corrêa, em "Coisas e retratos do Brasil", faz um "pequeno passeio pela literatura brasileira" enfocando como a apresentação do ambiente sócio-físico funciona como uma qualidade nacionalizante. Trata-se de um breve resumo do cânone de obras que retratam o Brasil. Parte de Pero Vaz de Caminha e destaca a herança nacional que se distingue da ótica dos europeus no Velho Mundo. Este estudo passa por José de Anchieta, Manuel da Nóbrega e o período colonial; pelo barroco e os louvores da terra; pela postura neoclássica de defesa consciente da terra; pelo romantismo que busca no povo o "substrato fundamental para a criação artística"; por Machado de Assis e os realistas, enfocando a emergente sociedade burguesa; e pelo modernismo de 1922, que o autor considera "politicamente nacionalista".

Em "Novas conquistas e outros galeões: breve história de navegações em mares de papel", Paulo Motta Oliveira enfoca o tema das navegações entre os saudosistas do período "fin-de-siècle". O estudo demonstra a importância do empreendimento ultramarino na consciência nacional portuguesa até a virada do século XX, seja para um Alexandre Herculano, que considera as navegações produto de uma monarquia corrompida, seja para um Teixeira de Pascoaes, o poeta do "navio Portugal" que vai "atingir conquistas muito superiores às já realizadas". O autor analisa as perspectivas contrastantes de todo um grupo de escritores e pensadores portugueses, que no entanto consideram que as navegações constituíam a identidade nacional

portuguesa. As “conquistas” ultramarinas servem como paradigma quase que permanente para a orientação política e cultural de Portugal, de forma paralela e inversa à situação no Brasil. Oliveira destaca uma declaração de Camilo Pessanha, para quem o significado das grandes navegações ainda não se completou. Este processo de redefinição é o enfoque da presente coletânea.

Um dos momentos mais estratégicos na tentativa de definir a identidade nacional brasileira foi o período romântico. Ao se declarar independente de Portugal, o Brasil teve que buscar uma base para distinguir o brasileiro de hoje do português que ele era ontem. Em “A solidão como riqueza e como pobreza”, Lúcia Helena enfoca a obra de José de Alencar e a construção da cidadania, especificamente a “vontade-de-ser-nação” das elites da época. A autora afirma que até então a nacionalidade brasileira era “uma hipótese encravada na nacionalidade portuguesa transplantada [...] para terras tropicais”. Segundo ela, as origens desta diferenciação vêm do começo do século XIX quando de súbito o país se transforma em corte e reedita ao nível de um discurso nacional a experiência ficcional de Robinson Crusoe, criada pelo inglês Daniel Defoe em 1719: “o mito do indivíduo que necessita criar do nada a civilização”. Informado pelo Crusoe de Defoe e pelo “homem natural” do francês Rousseau, Alencar cria personagens que – de uma forma óbvia (em *O Guarani* e *Iracema*) ou de uma forma mais sutil (em *A Viúva* e *Senhora*) – manifestam as dúvidas do novo país diante das incertezas do futuro: “a procura de desprender-se do complexo colonial de que fizera parte vincula-se aos destinos dos personagens”. A invenção da comunidade imaginária brasileira toma lugar neste período, produto do culto da independência individual

mantido pelos românticos: o espírito da liberdade do ser humano funciona como modelo para a auto-identificação do caráter nacional brasileiro independente de Portugal. É interessante notar que os portugueses na mesma época lidavam com questões semelhantes, como indica Paulo Motta Oliveira.

A questão da identidade também é abordada por Luiz Roberto Cairo. Em "Memória cultural e construção do cânone literário brasileiro", o autor focaliza o tema sob a perspectiva da formação da história da literatura. Observa que o cânone nacional encontra suas primeiras sistematizações nos românticos da primeira metade do século XIX. Esses, contrariando exemplos de outras literaturas emergentes, valorizaram a diferença em detrimento da semelhança em relação à tradição clássica do colonizador. A prática encontra respaldo em uma relação tensa entre colonos e reinóis, cujos registros literários já se acham no seiscentista Gregório de Matos. O reforço da diferença, no entanto, foi sugerido pelos próprios europeus que aconselhavam os jovens românticos da nação recém fundada sobre as bases que deveriam nortear a nacionalidade da literatura. Cairo lembra que sob esse ideário romântico surgiram os primeiros bosquejos de história literária nacional, aos quais se somaram os trabalhos de historiadores e críticos estrangeiros, salientando a importância que teve o periódico como veículo preferencial de divulgação. Em seguida, o autor apresenta uma summa das principais publicações que veicularam a referida história em meados do século XIX. Destaca que, assim, críticos românticos arquitetaram uma História da Literatura Brasileira que veio a ser construída pelos críticos realistas brasileiros. Conclui o artigo com a releitura de pontos pinçados

do discurso da aludida crítica realista, em particular das idéias de Araripe Jr., Sílvio Romero e José Veríssimo.

Em "A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil", Jaime Ginzburg estuda a desumanização do ser humano oprimido pelo autoritarismo, evidente na literatura brasileira. Ele afirma que os escritores fundamentais do cânone literário brasileiro acentuam o caráter problemático e agônico da condição humana: "a condição da subjetividade é atingida pela opressão sistemática da estrutura social, de formação autoritária". Ginzburg refere-se a Paulo Sérgio Pinheiro que identifica como raiz a falta de ruptura entre o absolutismo colonial e o absolutismo das elites posterior à independência e à proclamação da República. Ginzburg vê a história do país como um trauma e declara que a representação literária desta experiência implica uma "renúncia aos modos convencionais da representação" no texto. Ele cita a noção de Theodor Adorno segundo a qual antagonismos da realidade se expressam como antagonismos formais, dando como exemplo as obras de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos, entre outros. Portanto, elementos históricos como a inquisição, o escravismo exploratório, a repressão política e outros acontecimentos motivam a fragmentação literária moderna.

Em "Ficção e futebol: culturas em movimento", Pedro Brum Santos estuda a relação entre o esporte e a literatura em termos de identidade nacional brasileira. Há muitos estudos sobre o futebol e a sociedade, principalmente tratando da violência no futebol europeu (por exemplo Giulianotti, Bonney, e Hepworth) mas também alguns enfocando as ligações entre o esporte e o caráter nacional, como o estudo

psicoanalítico do futebol argentino de Suárez-Orozco, e no caso do Brasil a coletânea organizada por Roberto DaMatta, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, além do estudo monográfico de Janet Lever, *Soccer Madness*. Aqui Santos examina um elemento a mais: o vínculo entre a identificação cultural e o seu tratamento na literatura nacional. Ele destaca a resistência inicial ao fenômeno estrangeiro, como os ataques literários ao futebol por ser “estranho às origens brasileiras” por parte de Lima Barreto e outros na década de 1920, e a profissionalização do esporte sob o regime de Vargas na década de 1930, apesar do clima anti-futebolista no interior na mesma época retratado por Graciliano Ramos. Santos traça a evolução do esporte bretão ao esporte brasileiro por excelência passando pela influência dos imigrantes italianos em São Paulo, vista na obra de Alcântara Machado, e a eventual incorporação desses e de outros imigrantes à identidade cultural brasileira. Ele enfatiza o papel da popularização decorrente em grande medida da “paulatina apropriação pelos veículos da comunicação em massa”. No entanto, Santos reconhece o verdadeiro aspecto de cultura popular do futebol no Brasil, indicando que é por isso que funciona como base para a reprodução de dramas humanos no meio literário.

O estudo de Theodore Robert Young, “Antropofagia, tropicalismo, e *Como era gostoso meu francês*”, trata da construção do Outro no período colonial representada no filme de Néelson Pereira dos Santos. Young analisa como o cineasta utiliza a estética artística do tropicalismo da década de 1960 para questionar tanto o período colonial histórico quanto o período contemporâneo. O autor argumenta que essencialmente Pereira dos Santos “canibaliza” a estilística tropicalista de

Caetano Veloso e outros de modo parecido com a proposta do "Manifesto Antropofágico" de Oswald de Andrade, da década de 1920. O artigo enfoca a justaposição da história "oficial" com uma reinvenção irreverente do passado colonial desenvolvida por Pereira dos Santos. Em última análise, Young tem como objetivo revelar as implicações políticas do tropicalismo como reação ao regime militar autoritário das décadas de 1960 e 1970.

O primeiro ensaio do segundo grupo, "Tres visiones de América" de Eduardo Subirats visa a contextualizar interpretações contemporâneas do Encontro dentro de tendências recentes da história intelectual, do pós-modernismo literário, e do revisionismo histórico. O artigo examina várias visões do mundo que têm influenciado percepções modernas das Américas desde o século 16: o desenho providencial histórico da Espanha cristã imperial; o discurso anti-escolástico, tecno-científico e econômico da colonização americana dos filósofos empíricos; e a visão reflexiva, marginal, e híbrida baseada na restauração hermenêutica de línguas e culturas indígenas históricas representadas pelo Inca Garcilaso de la Vega. Subirats argumenta que estas três visões do mundo aparecem em proporções desiguais ao longo da história da consciência espanhola e da identidade nacional, e continuam a manter sua importância no mundo contemporâneo.

Santiago Juan-Navarro, em "Los mitos culturales de la otredad: revisiones contemporâneas de los *Nafragios* de Cabeza de Vaca", também trata do Outro colonial como uma construção cultural. O autor examina, através das bases literárias e historiográficas, o processo histórico da glorificação de Cabeza de Vaca que leva a sua transformação final em herói cultural. Dois exemplos recentes das

reinvenções fílmicas e dramáticas do Encontro são discutidas pela ótica das conseqüências políticas do Quinto Centenário: o filme *Cabeza de Vaca* (1990) de Nicolás Echevarría, e o drama *Nafragios de Alvar Núñez o la herida del Otro* (1992) de José Sanchis Sinisterra. Estas duas obras, que enfocam a figura mítica do *conquistador* espanhol, são marcadas pelas atitudes ideológicas que prevaleciam no mundo hispânico na primeira parte da década de 1990. O ensaio de Juan-Navarro examina como textos dramáticos e cinematográficos refletem estas atitudes, e como transmitem uma interpretação revisionista da conquista que tenta legitimar agendas culturais e políticas dessemelhantes. Dentro deste contexto, saber como *Cabeza de Vaca* foi transformado em um herói cultural por agências institucionais tanto quanto contra-institucionais é essencial ao entendimento de alguns dos paradoxos mais patentes da literatura e do cinema históricos contemporâneos, sobretudo o paradoxo de assumir uma atitude simultaneamente de oposição e revisionista em uma conjuntura em que o revisionismo deixou de ser oposicional e, pelo contrário, faz parte da ortodoxia literária e historiográfica.

“La Marina de *Ceremonias del Alba: una mujer frente al espejo de su tiempo*” de Gladys M. Iarregui compara e contrasta duas grandes obras mexicanas: o *Códice Florentino, Libro XII* (“Libro de la Conquista”) registrado pelo frade Bernardino de Sahagún na primeira metade do período pós-contato; e, quatro séculos depois, a obra criativa de Carlos Fuentes, *Ceremonias*. A intenção da autora é de revelar Marina como retratada nas duas obras, e encontrar nesta busca colonial/contemporânea uma voz e uma nova identidade para esta mulher subjugada a uma grande variedade de interpretações (Baudot, Glantz, Gonzalvo, Cypress). Iarregui indica que, apesar desta atenção

crítica, poucos têm percebido Marina desde o ponto de vista do seu posicionamento dentro da escritura de cronistas e intérpretes masculinos. Entre a Marina sem voz (a intérprete cujas palavras não são próprias) e a Marina que fala, discute e interpreta história, Ilarregui propõe uma Marina alternativa através de uma apropriação feminista de seu papel e seu *status* como mulher em dois momentos específicos e particulares do tempo e do espaço.

De acordo com o escritor argentino Abel Posse, a conquista espanhola foi motivada tanto pelo erotismo quanto pela busca de riquezas. Em "*Daimón* y el erotismo de la conquista", Terry Seymour propõe resolver as seguintes perguntas: como o tratamento do erotismo difere entre a obra de Posse e as crônicas de viagem? Em que medida a ficcional vida sexual do conquistador Lope de Aguirre ajuda a entender a história moderna da América Latina (sobretudo a repressão política e os movimentos de guerrilha das décadas de 1960 e 1970)? E finalmente, por que Posse introduz uma problemática sexual ao discurso histórico pelo uso de tipos estabelecidos (conquistador, rainha das Amazonas, freira mística, etc.)? Até que ponto o autor adota esta presença de sexualidade dos textos históricos e de outros romances históricos anteriores, e até que ponto ele rompe com estes modelos? Seymour conclui com o argumento de que, em *Daimón*, Posse apresenta o desejo sexual como um desafio a todas as manifestações de ordem, uma força subversiva em luta eterna com a repressão política e sexual.

"La penetración del texto: seudocrónica testimonial en *La noche oscura del Niño Avilés* de Edgardo Rodríguez Juliá vista desde *Infortunios de Alonso Ramírez* de Sigüenza y Góngora" enfoca a reinvenção do passado através de crônicas apócrifas. O autor, Erik Camayd-Freixas,

examina o processo de construção da autoridade textual como inscrita da reapropriação ficcional de crônicas testemunhais. A pretensão à veracidade histórica sugerida pela imitação de formas discursivas não-ficcionais, só parcialmente levada a sério dentro do propósito de plausibilidade lúdica, já estava presente no relato protomoderno de Sigüenza (1690) que conta as desventuras do indigente Alonso Ramírez à toa pelo mundo. O *Infortunios* reconta ficcionalmente as crônicas das Índias, do ponto de vista de um jovem nascido em Porto Rico, uma espécie de Magalhães accidental. Camayd-Freixas argumenta que trezentos anos depois outro cronista porto-riquenho, Edgardo Rodríguez Juliá, recapta o aperto de mãos entre autor e personagem na sua busca pelo corpo deformado e sem mãos do Menino Avilés, fundador de Nova Veneza em 1797. Camayd-Freixas compara os dois textos, e demonstra como reconversões *criollas* (nascidas nas Américas) - pseudo-crônicas testemunhais do discurso europeu imperial - sempre produzem novas versões de história e inversões de ideologia. O autor analisa como Sigüenza transforma os conquistadores heróicos em indigentes humildes e tímidos, e o Menino Avilés de Juliá vira um Colombo degredado.

O último ensaio desta coletânea trata de um dos elementos mais características da nova ficção histórica latino-americana: o uso de intertextualidade, paródia e carnavalização para apresentar uma visão alternativa da história. Em "La historia como bufonada: parodia, risa e Historia del descubrimiento en *Maluco* de Napoleón Baccino Ponce de León", Magdalena Perkowska-Álvarez examina o papel do humor – riso, paródia e ironia – em desafiar versões historicamente aceitas do "Descobrimiento", e em reavaliar os relatos anônimos e ficcionais do período. Seu estudo concentra-se em um dos romances mais

representativos desta tendência, *Maluco* (1988) do uruguaio Napoleón Baccino Ponce de León. A análise deste romance fecha o círculo da temática aqui apresentada: apesar de escrito em espanhol, a narrativa conta a história da viagem de circunavegação do português Fernão de Magalhães, só que do ponto de vista do bobo da armada. Perkowska argumenta que a ótica irreverente do narrador – socialmente deslocado mas também se deslocando entre várias esferas da expedição – redefine a história tradicional. O riso e a ironia do bobo reorganizam os relatos aceitos da viagem de Magalhães de acordo com um princípio dialógico que dissolve a dicotomia entre o grandioso e o mesquinho, o positivo e o negativo, o público e o particular, o centro e a periferia, que determinava e re-enfatizava a escritura da história. Esta ironia destaca-se no título, uma fusão dos nomes de umas ilhas “descobertas” por Magalhães (as ilhas Malacca ou Molucca), mas também um eco claro da língua portuguesa. Nesta situação, quem é mais maluco: o capitão que comanda uma expedição de cinco navios e 270 homens, dos quais somente um navio e 17 dos marinheiros originais voltam vivos, ou o “bobo” que vê e comenta a desgraça que acontece, inclusive a morte do próprio capitão?

Em 1871, ao contemplar as “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos”, Antero de Quental declarou que “os livros, as tradições e a memória dos homens andam cheios dessa epopéia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escrita por todas as partes do mundo” (285-6). As navegações deram ímpeto à colonização portuguesa do Brasil, e em todo momento tiveram um papel fundamental na definição da identidade brasileira, seja da ótica colonial, seja da pós-colonial. Este

processo repete-se no resto do continente americano, e de certa forma em todas as regiões colonizadas. Os ensaios aqui reunidos refletem a herança desses encontros e choques da colonização no hemisfério. Enfocam as tentativas de construir uma identidade cultural, ao mesmo tempo em que questionam a validade de tais construções. Tomado como um todo, este número da *Revista Letras* oscila entre assuntos coloniais e contemporâneos, rompendo as barreiras entre períodos literários e culturais tradicionalmente estudados separadamente, em si uma reflexão do campo dos estudos pós-coloniais como indicado por Rolena Adorno. Esta representa uma nova tendência dentro do campo da crítica literária colonial que visa a unir leituras pós-estruturalistas do passado colonial e análises dos textos fundamentais da literatura latino-americana tomando em consideração os contextos históricos de suas produções.

O revisionismo histórico que emerge dos artigos incluídos nesta revista faz parte de um ímpeto contemporâneo maior. De relevância especial para o tema do presente projeto é a tendência crescente dentro do campo da filosofia da história a questionar as pretenções básicas do historicismo tanto em relação a seus fins quanto a suas metodologias. Keith Jenkins indica que “[b]oth philosophy and literature, for example, have engaged very seriously with the question of what is the nature of their own nature”(1). Este relativismo altamente acentuado na teoria crítica contemporânea exerce um impacto forte nas práticas epistemológicas dos novos historiadores, para quem a antiga busca da verdade constitui cada vez mais uma utopia inatingível. Hoje em dia é essencialmente impossível falar de um discurso histórico exclusivo ou definitivo; no seu lugar aparecem somente posições, perspectivas,

modelos e ângulos que oscilam de acordo com vários paradigmas. O pensador pós-moderno reúne múltiplas formas discursivas enquanto simultaneamente reflete sobre o uso de tais formas e suas limitações possíveis.

Como consequência de suas tendências auto-reflexivas e desconstrucionistas, a nova teoria histórica e suas aplicações ao campo da literatura desestabiliza visões tradicionais do historiador e do empreendimento historiográfico. O conceito do historiador como testemunha, proposto pela historiografia clássica e explorado pelos historiadores do período colonial, deixou de ter validade, segundo Jorge Lozano. Este conceito, baseado na necessidade de contato imediato entre o autor de história e o evento narrado, não é mais sustentável dentro dos novos paradigmas de pesquisa. Segundo as orientações teóricas contemporâneas, não existem fatos inteiramente evidentes. Os que percebemos (inclusive os aparentemente empíricos) são inevitavelmente percebidos numa maneira particular e portanto são teóricos. Ao revelar a mediação inerente na escritura da história, junto com seu componente ideológico, a historiografia pós-moderna debilita a noção positivista das leis naturais que se manifestarão pela análise científica aplicada à condição humana. Estas tendências teóricas permitem-nos entender algumas das características observadas nas reconstruções contemporâneas do Encontro entre o "Mundo Velho" e o "Mundo Novo". Entre as novas práticas histórico-narrativas da América Latina, Fernando Aínsa identifica dez: 1) a releitura da história baseada em historicismo crítico; 2) a rejeição da legitimidade das versões "oficiais" do passado; 3) a multiplicidade de perspectivas que propõem expressar múltiplas verdades históricas; 4) a abolição do distanciamento épico;

5) a re-escritura parodística e irreverente da história; 6) a superimposição fantástica e anacrônica de períodos históricos variados; 7) o uso de historicidade textual ou a invenção totalmente mimética de crônicas e relações de viagem; 8) a adoção de crônicas falsas disfarçadas como historicismo ou a glosa de textos autênticos em contextos grotescos ou exagerados; 9) a leitura distanciada, onírica ou anacrônica da história, através de escritura carnavalesca; e 10) a preocupação lingüística manifesta no uso massivo de arcaísmos, pastiches, paródias e humor agudo. O caráter oposicional destas características afirma-se não somente nos textos literários e fílmicos analisados nesta coletânea, como também nos discursos críticos utilizados. De ambos podemos deduzir um novo e abrangente conceito historiográfico. As novas formas discursivas que reclamam um valor tanto criativo quanto epistemológico unem-se ao impulso arqueológico da historiografia acadêmica tradicional. Isto favorece um encontro entre a historiografia em si, e outras formas de reflexão histórica que podem incluir o romance, o teatro e o cinema. Em contraste com a subalternidade tradicional do discurso criativo ficcional (que desde o Renascimento leva o estigma de “histórias falsas”), nas últimas décadas a ficção tem conquistado um *status* como suplemento à história. No campo literário ibérico e ibero-americano, este novo papel manifesta-se em um revisionismo histórico sem precedentes. Na temática destas novas modalidades da ficção histórica, o Encontro – ou confronto – entre o “Mundo Velho” e o “Mundo Novo” ocupa um lugar preferencial. Enquanto houver uma reflexão sobre as origens da identidade latino-americana, o período do “descobrimento” e da conquista estimulará a imaginação dos que constroem o conceito ibero-americano.

Obras Citadas

- Adorno, Rolena. 1990. "New Perspectives in Colonial Spanish American Literary Studies." *Journal of the Southwest* 32 (Summer): 173-191.
- Aínsa, Fernando. "La nueva novela histórica latinoamericana." *Plural* 241 (Sept. 1991): 82-85.
- Axtell, James. "Columbian Encounters: Beyond 1992". *The William and Mary Quarterly* 49 (1992): 335-60.
- _____. *Beyond 1492: Encounters in Colonial North America*. New York: Oxford University Press, 1992.
- _____. "Columbian Encounters: 1992-95". *The William and Mary Quarterly* 52 (1995): 649-696.
- Bamonte, Gerardo, e Della Marina, Guilia, eds. *La "Festa" degli indios: Il quinto centenario visto dagli indigeni dell'America Latina*. Chieti Scalo: Vecchio Faggio Editore, 1992.
- Barreiro, José, ed. *View from the Shore: American Indian Perspectives on the Quincentenary*. Special Issue of *Northeastern Indian Quarterly* 7.3 (1990).
- Block, David. "Quiencentennial Publishing: An Ocean of Print". *Latin American Research Review* 29.3 (1994): 101-28.
- Bueno, Eduardo. *A Viagem do Descobrimento: A Verdadeira História da Expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetivo, 1998.
- _____. *Náufragos, Traficantes e Degredados: As Primeiras Expedições ao Brasil*. Rio de Janeiro: Objetivo, 1998.
- _____. *Capitães do Brasil: A Saga dos Primeiros Colonizadores*. Rio de Janeiro: Objetivo, 1998.

-
- Camurati, Carla. *Carlota Joaquina: Princesa do Brasil*. Altmar Produções Artísticas, 1994.
- DaMatta, Roberto, et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- Gentry, Carole M., e Grinde, Donald A. Jr., eds. *The Unheard Voices: American Indian Responses to the Columbian Quincentenary 1492-1992*. Los Angeles: American Indian Studies Center / University of California, 1994.
- Giulianotti, Richard, Norman Bonney, and Mike Hepworth, eds. *Football, violence and social identity*. London; New York: Routledge, 1994.
- Grim, John A., ed. *Shaman and Preachers, Color Symbolism and the Commercial Evangelism: Reflections of Early Mid-Atlantic Religious Encounter in Light of the Columbian Quincentennial*. Special Issue of *American Indian Quarterly* 16.4 (1992).
- Jenkins, Keith. *Re-thinking History*. New York: Routledge, 1991.
- Lever, Janet. *Soccer Madness*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- Lozano, Jorge. *El discurso histórico*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- Menton, Seymour. *Latin America's New Historical Novel*. Austin: University of Texas Press, 1993.
- Olivier, Alfredo Matus. "Espanña vista desde América en la lengua y la cultura (Introducción a una semántica del Quinto Centenario)". *Signos* 25 (1992): 91-109.
- Pereira, Paulo Roberto, org. *Os Três Únicos Testemunhos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- Pinheiro, Paulo Sérgio. "Autoritarismo e Transição." *Revista USP* nº9 (1991): 52-3.

Quental, Antero de. *Prosas Sócio-Políticas*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1982.

Salles Jr., Walter e Thomas, Daniela. *Terra Estrangeira*. Sagres / Vídeo e Filmes Animatógrafo, 1995.

Suárez-Orozco, Marcelo M. "A psychoanalytic study of Argentine soccer." In *Psychoanalysis and culture at the millennium*. Eds. Nancy Ginsburg and Roy Ginsburg. New Haven: Yale University Press, 1999.